

Divaldo Pereira Franco
pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda

Tramas do Destino



Sumário

Tramas do destino 7

In limine 15

1 Infortúnio doméstico 21

2 Gilberto, Lisandra e Hermelinda 33

3 Presença da amargura 41

4 A dimensão do sofrimento 51

5 O pesadelo e Cândido 59

6 Martírio de esposa e mãe 67

7 Auto-obsessão 73

8 Esperanças rechaçadas 83

9 Expição e prova 89

10 Luz em noite escura 99

11 A terapia da verdade 109

12 Novos e abençoados rumos 123

13 Recordações e entendimento 143

14	Compromissos novos	153
15	Os inimigos desencarnados	161
16	Epifânia: seu calvário e sua ascensão	175
17	Escolhos à mediunidade	187
18	Alegrias e dores superlativas	199
19	Felicidade, desdita e nós	211
20	O amor vence o ódio	225
21	O Centro Espírita Francisco Xavier	243
22	O passado revela o presente	255
23	Terapia desobsessiva	275
24	Drama, solução e bênção	289
25	Despedidas e fé viva	301
26	Esperanças e consolações	313
27	Caridade – discrição e devotamento ao bem	325
28	As alegrias e os testemunhos	335
29	Últimas provações	347
30	Novos rumos	359

1 Infortúnio doméstico

À medida que se passavam os anos, mais profunda se lhe fazia a dor. Não obstante, mantinha os lábios cerrados a qualquer queixa ou reclamação, suportando o fardo dos sofrimentos com um estoicismo somente possível aos espíritos armados de abnegação e de humildade.

O rosto denotava a funda aflição, já assinalado pelo vinco de desespero que o tempo transformara em resignação, essa resignação heroica, mediante a qual os que confiam integralmente em Deus se submetem aos desígnios superiores, mesmo desprovidos dos recursos para o racional entendimento das tormentosas ocorrências.

D. Artêmis de Alencar Ferguson aprendera desde cedo que a tudo a Divindade provê, jamais sobrecarregando as criaturas com compadecimentos acima das suas forças.

Nascida numa fazenda próspera de pequena cidade do interior, na Bahia, recebera dos pais,

especialmente da genitora, a Sra. Adelaide — nobre entidade que lhe forjara o caráter na fé cristã austera, reencarnada para relevante tarefa de humildade ao lado de ampla mole de pessoas simples, vinculadas à propriedade que a ela e ao esposo pertencia —, as necessárias forças para a resistência contra o mal, de que dava excelentes mostras em todos os momentos da sua admirável existência.

Ao lado da mãezinha, adquirira os conhecimentos iniciais da alfabetização, logrando desenvolver as faculdades intelectuais, conforme a época, cultivando as letras e conseguindo realizar uma bem fundamentada conquista nos bons livros, o que lhe constituiria amparo moral para os cometimentos futuros.

De hábitos singelos, graças à vida recatada pela morigeração interiorana, vinculou os sentimentos ao bucolismo policrômico e romântico da natureza.

Bem dotada de corpo, de mente e de alma, não se sentia abrasar pelos desequilíbrios da emotividade em desdobramento na quadra juvenil.

De temperamento calmo e voz doce, cativava, com a presença simpática e a ternura natural, os servidores domésticos e os trabalhadores da casa que lhe disputavam a amizade fraternal.

O matrimônio, ao completar 18 anos, fora concertado pela família, sem qualquer reação negativa ou rebeldia sistemática.

Conhecera o futuro consorte, Rafael Duarte Ferguson, mancebo simpático de 20 anos, à época, numa das recepções domésticas, nas quais, conforme os costumes de então, as famílias mais se aproximavam e as moças casadouras se tornavam conhecidas.

Rafael procedia de um clã respeitável e era um moço bem dotado. Preferira a movimentação da capital desde quando fora para ali, a fim de cursar o liceu. Ambicioso, com essa natural tendência de adquirir a independência econômica, mas reconhecendo-se sempre sem pendores para atividades culturais ou conquista de uma carreira acadêmica — real ambição paterna — resolvera, dois anos antes do matrimônio, em período de férias, usar de franqueza com o genitor, revelando sua vocação para a carreira comercial.

O velho Ferguson, apesar de acalentar mais amplas perspectivas para o filho, aquiesceu, sem maiores delongas, aos anseios do jovem, concedendo-lhe o aval e o necessário apoio inicial à execução dos seus desejos.

Tornou-se viajante comercial, graças ao espírito aventureiro de que dava mostras, a par de um caráter forte e relativamente inflexível. Embora gentil e palrador, sabendo com facilidade reunir amigos, não poucas vezes irrompiam-lhe as lembranças inconscientes do passado, quando as injunções se lhe tornavam penosas, denotando temperamento vigoroso e até mesmo implacável. Nessas ocasiões falava pouco;

sem embargo, fazia-se rancoroso, com visível dificuldade para perdoar as ofensas reais ou imaginárias...

Possuía, portanto, os caracteres do “bom partido”.

Conhecera Artêmis anos antes, sem experimentar qualquer sensibilidade. Naquela outra ocasião, porém, o reencontro produziu-lhe funda impressão, tornando-o apaixonado.

O namoro rápido, com aquiescência familiar, converteu-se em matrimônio feliz um ano após, sustentado pela correspondência epistolar afetuosa e ardente, reforçada por apenas três ou quatro reencontros de permeio, enquanto se programavam os sponsalícios.

O enxoval da jovem foi quase todo executado por ela mesma, por sua mãe e bordadeiras locais, que não economizavam encômios à festa e à noiva, antecipando as alegrias da boda.

No suceder dos júbilos, porém, a jovem Artêmis sentia-se assaltar com frequência por tormentosos presságios. Experimentava impressões angustiantes, sensações indescritíveis que lhe camartelavam o espírito sensível. Mais de uma vez fora acometida de súbitos e estranhos estados de transitória alucinação que, felizmente, não deixavam sinais que pudessem preocupar a família, ainda sem condição de entender semelhante ocorrência.

Assim mesmo, passou a sofrer de perturbadora neurose íntima a lhe prenunciar sofrimentos, cuja causa

não lhe era lícito pressupor sequer, mas que superava através da crença em Deus e da oração.

Rafael a amava, no que era correspondido. Compreendiam-se e respeitavam-se. Não puderam fruir as permissividades hoje em voga, com que se desejam maior e melhor relacionamento entre os futuros cônjuges, de cuja intimidade irresponsável surgem vitoriosos a licenciosidade, o desrespeito moral e familiar.

Sem embargo, sentiam-se estranhamente identificados, como se fossem conhecidos que se reencontravam, estabelecendo liames que, embora interrompidos, não cessavam de sustentar-se, apesar da distância no espaço e no tempo...

E conheciam-se, sem dúvida, porquanto esta não seria a sua primeira experiência afetiva, na programática redentora a que se propunham espiritualmente.

Transcorridos os primeiros meses do consórcio matrimonial, Rafael passou a exteriorizar os tormentos íntimos que o dominavam, transformando-se, a pouco e pouco, em vigoroso verdugo da esposa submissa que lhe experimentava as injunções, entre frustrações afetivas e profundos martírios morais.

Renascente de rudes responsabilidades em que fracassara no pretérito próximo, desbordaram-se-lhe as lembranças impressas nos painéis da inconsciência, tornando-o rancoroso sem qualquer motivo e desconfiado, a ponto de sucumbir em crises de violência e

mudez selvagem a que se entregava, ante a reação passiva da esposa aturdida e inditosa.

Cessados os conflitos, que se amiudavam, parecia recobrar a lucidez, retornando à gentileza e à ternura com que buscava reabilitação, para logo recair nos mesmos dédalos de crueldade e insânia.

Obsidiado em si mesmo, avassalado pelas reminiscências odientas do passado e açulado pelo ódio dos antigos cômpanes de orgias como de agressividade, padecia a funesta subjugação transitória, cíclica em que se arruinava emocionalmente, avançando com celeridade para um colapso nervoso.

Permitindo-se reflexões periódicas, não encontrava os móveis do desequilíbrio, em considerando os triunfos na carreira comercial, sempre que se distanciava da esposa sensível e do lar por ela enobrecido.

Profundamente decepcionada pelo matrimônio inditoso, D. Artêmis refugiava-se nos deveres domésticos, na oração a que se arrimava, em decorrência da crença esposada. A doce Mãe de Jesus era-lhe a sublime confidente, simbolizando para o seu coração humilde o verdadeiro exemplo da alma trespassada pela adversidade, enquanto se entregava ao Pai, nos superlativos lances de agonia da provação a que se encontrava submetida...

Nos refúgios da prece lenificadora, adquiria paz e força, conseguindo, por meio do milagre da inspiração,

a claridade mental para prosseguir no dever, como aguardando o transcurso do tempo que lhe reservaria experiências importantes e graves, de cujo teor não lhe era lícito suspeitar...

Nesse comenos, recordava os dias ditosos na casa paterna, que sentia distantes, apesar do pouco tempo decorrido, desde que se afastara da fazenda em que fora feliz, transferindo-se para a capital, onde, agora, sofria sem o consolo de um amigo ou de um parente devotado. Pela sua constituição interior, não se queixava, suportando o fardo dos dissabores sob chuvas de doestos, entre as crises de ira e arrependimento a que se entregava o esposo infeliz.

Um ano após o matrimônio, desencarnou a genitora, cujo golpe lhe produziu infinita mágoa moral, de que não mais se refaria.

A notícia chegou-lhe por meio do laconismo telegráfico, sem que ela pudesse ter fruído o consolo de rever o ser amado pela última vez, em face da distância que a separava do antigo lar e porque o consorte se encontrava ausente, no ritmo habitual das viagens de negócios...

O invisível punhal da angústia cravou-se-lhe na alma fazendo-a debulhar-se em lágrimas candentes e inestancáveis.

Orando, numa noite em que supunha não suportar tantas dores e tão cruel soledade, adormeceu...

Repentinamente, viu-se diante da genitora, em radiosa manhã, num parque em flor, em estância feliz, desconhecida.

— Jesus, minha filha — falou-lhe o coração materno, angelical —, reuniu-nos, a fim de que eu te pudesse consolar, de modo a saíres do vale da saudade e animar-te a galgares o monte das provações a que te propuseste.

“Não morri. Não morreremos.

“Refaço-me, depois da travessia pelo corpo denso para a vida espiritual, mas podemos prosseguir juntas.

“Não te entregues à demasiada aflição. O desespero, mesmo na dor justa, é medida de rebeldia ante os impositivos da evolução que promanam do Senhor. Asserena-te e confia”.

A filha, agoniada, reclinou a cabeça no regaço materno e desatou a chorar.

— Não suporto a decepção no lar e, agora, a sua ausência, mãezinha.

— Sim, filha, eu o sei.

Tomou-lhe a palavra a respeitável recém-desencarnada, induzindo-a a desistir da lamentação e da queixa desnecessárias, que geram azedume e avinagram os sentimentos.

— Embora os poucos dias em que me separei das sombras físicas — prosseguiu, suave —, estou informada de todas as tuas agruras... No entanto, desces, sem que o percebas, ao poço de inditoso suicídio

indireto, por negar-te o direito da vida, em face das dores que te enjaulam no sofrimento forte.

“Serás mãe em breve, e é indispensável que te prepares para o sacerdócio sublime de cocriadora com Nosso Pai, a fim de ensejares a regularização de severos compromissos com outros Espíritos aos quais te vinculas”.

Ante o enunciado sobre a maternidade, D. Artêmis experimentou estranha alegria, de momento, recuperando-se das aflições e provanças rudes.

— Não te permitas, porém, sonhar desnecessariamente — aduziu a genitora. — A vida, que a todos nos reserva felicidade futura, estrutura-se em contínuos testes de humildade e paciência.

“Constrói-se a harmonia íntima, de renúncia em renúncia, passo a passo. O amor dos teus filhinhos será a luz das tuas horas, na lâmpada dos teus sacrifícios.

“Rafael está enfermo da alma, porém te ama como pode. Ajuda-o com o teu puro e inocente amor. Fá-lo, através do tempo, adquirir a paz e contribui para a sua edificação pessoal, porquanto ele muito sofre nos desvãos das agonias infinitas em que se debate, obsesso. Não lhe queiras mal, haja o que houver. Compreenderás o porquê, posteriormente”.

A entidade silenciou ante a brilhante manhã que as inundava de beleza. Logo depois, prosseguiu:

— Sacrifício doméstico é cruz libertadora. Os homens, sedentos de gozos e iludidos em si mesmos,

simplificam soluções, separando-se do cônjuge-problema e adiando compromissos-resgates... Transferem realizações, tecem complicadas malhas de fugas em que se enredam. Enquanto houver força, deve alguém porfiar no matrimônio sem esperar reciprocidade.

“O perdão é decorrência do amor, do amor que não vacila, que sabe esperar, dignificar-se... Todos nos ligamos uns aos outros por deveres e situações que nos aproximam ou nos afastam, sem que essa aproximação ou esse afastamento signifiquem impedimento a que os acontecimentos se concretizem, de acordo com os liames de entrosamento sempre vigentes.

“Vínculos familiares são opções evolutivas e experiências em que transitamos em forma de parentela carnal, para atingir a pureza na fraternidade espiritual que nos espera.

“Por isso, cônjuges difíceis, ingratos, adúlteros, agressivos, obsessos, ao invés do abandono rápido, puro e simples que mereceriam sofrer, devem-nos inspirar, enfermos que são, misericórdia, tratamento e ajuda...

“Rafael encontra-se incurso na posição de doente confiado à tua vigilância e afetividade, a fim de que disponha de forças para resgatar e evoluir. Portanto, não desfaleças nos testemunhos, nem o queiras menos...”

A genitora desencarnada estimulou-a, ainda por algum tempo, utilizando conceitos otimistas com os quais apontava os rumos sublimes do futuro.

Quando D. Artêmis despertou, apresentava os sinais balsâmicos da esperança, qual se a escumilha da sua noite moral agora estivesse iluminada por lâmpadas mágicas e novas, clareando-a por dentro...

